

RESENHA

SECCHI, Bernardo. **La ciudad de los ricos y la ciudad de los pobres**. Madrid: Catarata, 2015.

Cláudio Smalley Soares Pereira

A cidade do século XXI: segregação, fragmentação e a nova questão urbana

Publicado em italiano, no ano de 2013, o livro *La ciudad de los ricos y la ciudad de los pobres* [*La città dei ricchi e la città dei poveri*] é a última publicação do renomado arquiteto e urbanista italiano Bernardo Secchi (1934-2014). Tal livro, na sua edição espanhola – o qual também foi traduzido para a língua francesa em 2015 –, é precedido de um prólogo escrito por Eduardo Mangada e uma introdução de Jesús Gago.

Neste livro, Bernardo Secchi tem um objetivo que já é exposto logo nas primeiras páginas: investigar “*el continuo crecimiento y profundización de la desigualdad social. En otros términos, el crecimiento e la distancia entre ricos y pobres*” (p. 15). Discutido ao longo dos nove capítulos que constituem este pequeno grande livro (parafraçando Eduardo Mangada, no prólogo do mesmo), o tema da desigualdade social em sua dimensão urbana e territorial é analisado a partir de diversas frentes: o papel do urbanismo, a construção dos espaços residenciais fechados, a separação, a diferença, a exclusão, a possibilidade de um mundo melhor etc. A discussão, direcionada, sobretudo, pelo espectro do urbanismo e do urbanista, parte da tese de que as desigualdades sociais não são causa secundária da crise que hoje atravessa as economias de diversos países; é, todavia, uma dos aspectos mais relevantes daquilo que o autor chama de “nova questão urbana”.

No primeiro capítulo do livro, *La nueva cuestión urbana*, Secchi parte da constatação de uma dupla característica da cidade ao longo da história ocidental: lugar de encontro, integração, segurança, ao mesmo tempo em que é um lugar de radical separação, diferenciação, marginalização e exclusão. O autor aponta que nas cidades da Europa e dos Estados Unidos tem sido perceptível o surgimento do que ele chama de uma topografia social mais contrastada, reveladora de desigualdades e

injustiças espaciais. Secchi então apresenta e discute as teses que compõem a “nova questão urbana”. Para ele, as metrópoles, ainda que de temporalidades diferentes, enfrentaram problemas análogos: injustiça espacial, mudanças climáticas, mobilidade e direitos à cidadania (tese 1); e quando a estrutura da economia e da sociedade mudam, a questão urbana volta ao primeiro plano (tese 2). Em cada momento que a questão urbana vai para o primeiro plano, novos temas, sujeitos e ideias surgem, fato que ocorre na contemporaneidade.

Em *Economía, sociedad y territorio*, o segundo capítulo do livro, o autor apresenta de forma rápida a terceira tese que embasa a discussão a respeito da nova questão urbana. Ele se contrapõe à perspectiva do *rispecchialisti* da URSS dos anos 1920, que tem sido recuperada apontando na direção das mudanças espaciais serem um reflexo das mudanças das estruturas econômicas e políticas. A terceira tese é a de que o espaço é como um produto social e modelado no tempo. Esse espaço tem uma inércia que se refere às dimensões econômica, social e política; e as mudanças em tais dimensões não significam uma transformação em paralelo no espaço. É esta inércia espacial, fruto de sua modelagem no tempo, que constrói as trajetórias pelas quais as próprias mudanças na economia, na política e na sociedade podem ocorrer. Esta tese visa justamente levantar a necessidade de se pensar que as políticas espaciais e a gestão da cidade e do território têm rebatimentos nas próprias relações entre os ricos e os pobres, sejam elas de integração ou exclusão.

No terceiro capítulo, Secchi discute os *Ricos y pobres*. Ainda que sejam, segundo ele, ideias vagas, rico e pobre são ideias muito bem conhecidas. Os ricos e os pobres têm sido tradicionalmente identificados por níveis de renda e de riqueza *per capita*. No entanto, a ideia de Pierre Bourdieu de capital cultural também tem uma grade importância neste debate, assim como a concepção de capital espacial de Edward Soja, na qual ricos e pobres podem ser, também, identificados pelos lugares da cidade em que vivem, trabalham e executam suas atividades. Secchi chama atenção para a necessidade e o cuidado no trato dessas ideias, visto que elas são móveis e que na sociedade contemporânea são grupos imbricados e ao mesmo tempo abertos: todos têm esperança de entrar no grupo dos ricos, mas o risco de ser expulso é real, enquanto o risco para ser arrastado ao conjunto dos pobres está sempre presente.

Os pobres e as *Estrategias de Exclusión* e controle por meio de políticas de segurança são temas do quarto capítulo. O autor debate a questão do medo como produtor da intolerância na desagregação da sociedade. A cidade contemporânea fragmentada é também produto da intolerância e do medo. Mas, além do medo, muitos outros elementos são responsáveis pela distinção e separação, entre eles as tradições religiosas, étnicas e políticas da cidade e do território. A respeito destas, ainda que existam tradições distintas no âmbito das políticas da cidade, ainda que sejam heterogêneas entre Europa, EUA e América Latina, tais tradições parecem se interpenetrar. Contudo, ressalta Secchi, as cidades se diferenciam de acordo com as tradições políticas e apresentam entre si diferentes topografias sociais das desigualdades, mesmo num mundo em crescente globalização.

No capítulo cinco, os *Ricos* são o tema. Desde há muito tempo que os ricos e as classes médias buscam se distinguir, no significado que Pierre Bourdieu dá ao termo “distinção”. O resultado na cidade tem sido um processo cada vez mais acelerado de distinção e exclusão social, fruto da divisão burguesa do mundo em um mundo exterior (trabalho, cidade) e um interior (casa, família). A expressão na cidade tem sido os condomínios fechados no Brasil, as *gated community* nos EUA e os *condominios cerrados* da Argentina. Tais espaços fechados são, para Secchi, “la negación de la ciudad” (p. 50). O resultado é a produção de uma “cidade difusa”, distinguida, individualizada e fragmentada.

Em *Pobres*, sexto capítulo, Secchi observa que distinção e exclusão são aspectos inseparáveis da cidade moderna, e que a separação entre ricos e pobres tem se dado ao longo da história nos diversos países, de várias maneiras. O autor mostra que a imigração é um das principais características que estimulam, por um lado, a dispersão da cidade dos ricos, e por outro, a concentração dos pobres no centro da cidade. A cidade difusa é a forma espacial caracteristicamente europeia da cidade dos ricos, diferente dos subúrbios americanos. As cidades de Antuérpia, Paris e Milão são analisadas e, mesmo sendo diferentes entre si, suas histórias têm se cruzado, como na Europa inteira. Para o autor, a cidade da segunda metade do século XX nos EUA e na Europa, mesmo com as políticas e as boas intenções, tem sido expressa cada vez mais em valores menos democráticos, nos seus edifícios, no espaço público.

No sétimo capítulo, *Un mundo mejor es posible*, são colocadas em relação as ideias de desigualdade e diferença. Para Secchi, a cidade e o mundo são habitados por sujeitos diferentes, e as desigualdades são geradas pela distinção. Recuperando a contribuição de três seminários organizados por Michel Foucault no *Collège de France* durante os anos 1970, com destaque para a contribuição de Roland Barthes, o autor incorre nos meandros da vida cotidiana, das temporalidades diferentes, dos “idiorritmos” regulados e condicionados pela cidade, as práticas espaciais e os usos do espaço e do tempo. Há uma articulação necessária entre os problemas da cidade contemporânea, seu desenho, seu projeto, com os “idiorritmos” dos sujeitos sociais, nas suas mentalidades e imaginários, nos usos do espaço, na vida cotidiana.

O penúltimo capítulo, *La tradición europea*, trata da reflexão a respeito do urbanismo no final do século XX e a articulação entre esferas macro (políticas redistributivas, dispositivos espaciais, jurídicos e institucionais) e a vida cotidiana, o viver-junto, tal qual abordado no capítulo anterior. Destacando as diferenças entre a Europa, os EUA e a América latina, Secchi observa que estas últimas têm tomado caminhos diferentes da Europa, promovendo mais separação e exclusão ao invés da inclusão, característica europeia do final do século XIX à metade do século XX. Do final da Segunda Guerra até, em especial, depois dos “trinta gloriosos”, “la atención a lo cotidiano es su búsqueda” (p. 78). Com a ampla heterogeneização da sociedade europeia, a tradição do urbanismo europeu se abriu às influências norte-americanas, que têm levado a população a não mais apoiar políticas urbanas típicas do *welfare*

state, por conta do medo e da segurança. Importa para o autor que mudanças na reflexão da teoria e da política da cidade, bem como na política econômica e social, têm acontecido por conta de estudos a respeito das classes trabalhadoras e suas condições de vida.

No último capítulo, *Desigualdades sociales, cuestión urbana y crisis*, o autor parte da ideia de que em muitas crises ao longo da história ocidental a questão urbana emergiu, e delas saíram tanto um mundo quanto uma cidade diferentes. Há, portanto, uma estreita relação entre crise e questão urbana e, no século XXI, como nos anteriores, a crise e a questão urbana têm caráter multidimensional. Todavia, de acordo com Secchi, oferecem possibilidades para se pensar os problemas; ampliar a distribuição de riqueza para diminuir as desigualdades, problemas climáticos, de acessibilidade etc. O diálogo do urbanista com as diversas disciplinas poderá contribuir para a construção de uma cidade diferente. É necessário pensar para o futuro uma cidade, um projeto de cidade em que se valorizem os espaços públicos, que tenham mais “porosidade”, “permeabilidade” e acessibilidade a todas as pessoas, que a cidade seja, enfim, mais democrática e menos desigual.

Embora o “pequeno grande livro” de Bernardo Secchi tenha como destaque as realidades norte-americana e europeia, suas análises e o arcabouço teórico-conceitual empregado pelo autor com certeza ajuda a iluminar a realidade socioespacial urbana presente na América Latina e no Brasil. Suas ideias ajudam a pensar a produção das cidades brasileiras, suas configurações espaciais, bem como as formas espaciais urbanas que caracterizam o atual momento da urbanização capitalista.

Tanto pela perspectiva dos “idiorritmos”, que contribuem para a compreensão das práticas espaciais dos agentes sociais no âmbito da estruturação das cidades, bem como das reflexões em torno dos espaços públicos e dos espaços residenciais fechados, isto é, os conhecidos “condomínios fechados”, e, ainda, pela ideia de capital espacial tomada de empréstimo do geógrafo Edward Soja, as contribuições de Secchi são importantes para o debate em torno da cidade e do urbano no Brasil atual, mas não só. Conforme o próprio autor lembra em várias passagens do livro - mas também em outros trabalhos traduzidos para o português, como *A cidade do Século Vinte* -, é necessário que se pense um projeto de cidade, uma cidade para o futuro, e, no Brasil, isso se torna imperativo, em que as mesmas estão mergulhadas em desigualdades socioeconômicas e político-espaciais.

Por fim, ressaltamos que seria de grande interesse para os estudiosos do urbano no Brasil uma tradução do livro em questão. Pelo seu alcance, pela sua profundidade e clareza em discutir e expor a problemática urbana contemporânea, chamada por Secchi de “nova questão urbana”, a tradução do livro seria mais uma obra a se somar às demais já existentes na intenção de pensar as cidades brasileiras em seu presente e, mais ainda, o(s) seu(s) futuro(s).

Bibliografia

SECCHI, Bernardo. (2009) *A cidade do século vinte*. São Paulo: Perspectiva.